

ENTREVISTA

David Catalão,
Novo presidente da APA

DIA DA CRIANÇA

Assinalado com corrida
de Carros de Rolamentos

TEMPOS LIVRES

Crianças com atividades
nas férias do verão

número 1, ano IV | gratuito (digital) | 3,00€ (papel) | julho 2018

ecosALCANHÕES

de

publicação tri-anual



90 ELEVÇÃO A VILA

celebrados em março
com exposição
comemorativa



FEIRA ANUAL

Feira de Santa Marta 2018 -----

Decreto n.º 15:229

Tendo em vista a proposta apresentada pelo governador civil de Santarém;

Considerando que a povoação de Alcanhões tem já hoje uma população de 2:400 habitantes com mais de vinte estabelecimentos comerciais, duas escolas com uma população escolar superior a 400 crianças, caixa de crédito agrícola, uma importante fábrica de moagem, associação de bombeiros, etc.;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12:740, de 26 de Novembro de 1926, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É elevada à categoria de vila a povoação de Alcanhões, do concelho e distrito de Santarém.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrário.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer o cumpriam e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nele se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da República, em 21 de Março de 1928. — ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — José Vicente de Freitas — Manuel Rodrigues Júnior — Abílio Augusto Valdes de Pa-

PERSONALIDADE

BERNARDINO BARROS GOMES

importante marca da sua
ligação a Alcanhões

festa do vinho

A Festa do Vinho deste ano sofreu algumas ligeiras alterações nos seus moldes. A primeira diferença foi no nome, passando a designar-se 'Festa do Vinho & das Tradições de Alcanhões'.



4.

Exposição 90 anos

Alcanhães assinalou data de elevação a vila com exposição na sede da APA

6.

Entrevista

David Catalão é o novo presidente da Associação Popular de Alcanhães

10.

Rally da Criançada

Comemorações do Dia Mundial da Criança com Corrida de Carros de Rolamentos

14.

Feira Anual

Mais uma edição da Feira de Santa Marta

18.

OTL

Crianças tiveram várias atividades no verão

19.

Jogos com Freguesias

Alcanhães terminou em 4º

22.

Artigos de opinião

Nesta edição, quatro artigos

26.

Bernardino Barros Gomes

O responsável pela construção da primeira escola em Alcanhães

33.

IPSS's

Concurso de Bandas Evangélicas e 21º Aniversário do Centro de Dia

34.

Festa do Vinho & Tradições 15ª Edição

90 ANOS

Alcanhães assinalou no passado mês de Março os 90 anos da sua elevação à categoria de Vila. Foi em 1928 que esta localidade



recebeu tal estatuto, devido à sua importância e desenvolvimento à altura.

Hoje em dia, os critérios para elevar uma aldeia a vila são bem diferentes de outrora. É preciso ter mais de 3000 eleitores, e pelo menos metade destes equipamentos: posto médico, farmácia, sistema de transportes públicos coletivo, estação de CTT, estabelecimentos comerciais e de hotelaria, estabelecimento de ensino até ao ensino obrigatório, agência bancária e motivos de ordem histórica, cultural e arquitectónica.

Olhando para esta "lista", Alcanhães hoje só não cumpre em eleitorado e em dois dos equipamentos públicos, sendo que quase poderia ser elevada, se

ELEVAÇÃO A VILA

SURGE AGORA O NÚMERO #1 DA RENOVADA EDIÇÃO DESTA PUBLICAÇÃO, NUM FORMATO ATUAL. FEITA POR PESSOAS QUE TÊM EM COMUM O GOSTO PELA NOSSA VILA, HISTÓRIA, PASSADO, PRESENTE E FUTURO.



fosse esse o caso. Contudo já teve os requisitos necessários, precisamente há 90 anos.

Tinha (e tem) história, património cultural e arquitetónico, tinha mais de 2100 habitantes, tinha muito comércio, alguma indústria, entre outros, tendo sido elevada a vila a 21 de Março de 1928 por decreto assinado por Óscar Carmona, então Presidente da República, como resposta a uma proposta apresentada pelo Governador Civil de Santarém, graças ao seu desenvolvimento.

Para assinalar esta data, o executivo da Junta de Freguesia desafiou à criação de uma comissão para preparar uma exposição alusiva, que esteve patente nas instalações da APA - Associação Popular de Alcanhões, onde várias gerações de habitantes da vila puderam ver “retalhos de história” da mesma, das suas gentes e coletividades.

Muitos foram os que contribuíram com materiais para a exposição, sendo que foi daí também que “surgiu” um nome de um ilustre com fortes ligações a Alcanhões, até então pouco conhecido por todos nós. Também é dele que esta edição da revista ‘Ecos de Alcanhões’ vai falar, através das palavras de Jaime Cunha, que também em mim fez despertar a curiosidade pela vida de Bernardino Barros Gomes e que aceitou prontamente ao convite para o dar a conhecer aos leitores.

Como do presente também reza a história, apresentamos, em entrevista, o novo presidente da APA e as novas ideias e objetivos para a associação mais antiga da vila. Continuamos com os artigos de opinião de várias alcanhoenses e a divulgar várias atividades na vila.

David Matos Branco

['ECOS DE ALCANHÕES']

O nome ‘Ecos de Alcanhões’ não é de agora. Muitos podem não o identificar, mas muitos outros são os que já tiveram nas mãos ou à frente dos olhos um exemplar do jornal da vila com esse mesmo nome. Nos finais da década de 40 do século passado, era esse o nome do jornal de Alcanhões.

ecosALCANHÕES de

EQUIPA EDITORIAL

David Matos Branco (TPE-156A)

COLABORADORES

Carlos A. Flor Soares
David Catalão
Isaac Pimenta
Jaime Cunha
M. Elisa R. Ventura
Samuel F. Pimenta
Sónia Lobato

GRAFISMO

David Matos Branco
www.david.pt

FOTOGRAFIAS

Agrupamento 634 Alcanhões
Associação Popular Alcanhões
Associação de Pais Alcanhões
David Matos Branco
Isaac Pimenta
Junta de Freguesia Alcanhões
Lar Evangélico Nova Esperança
Rancho Folclórico Alcanhões
Silvana Carvalho

ILUSTRAÇÃO

Leonardo Sousa

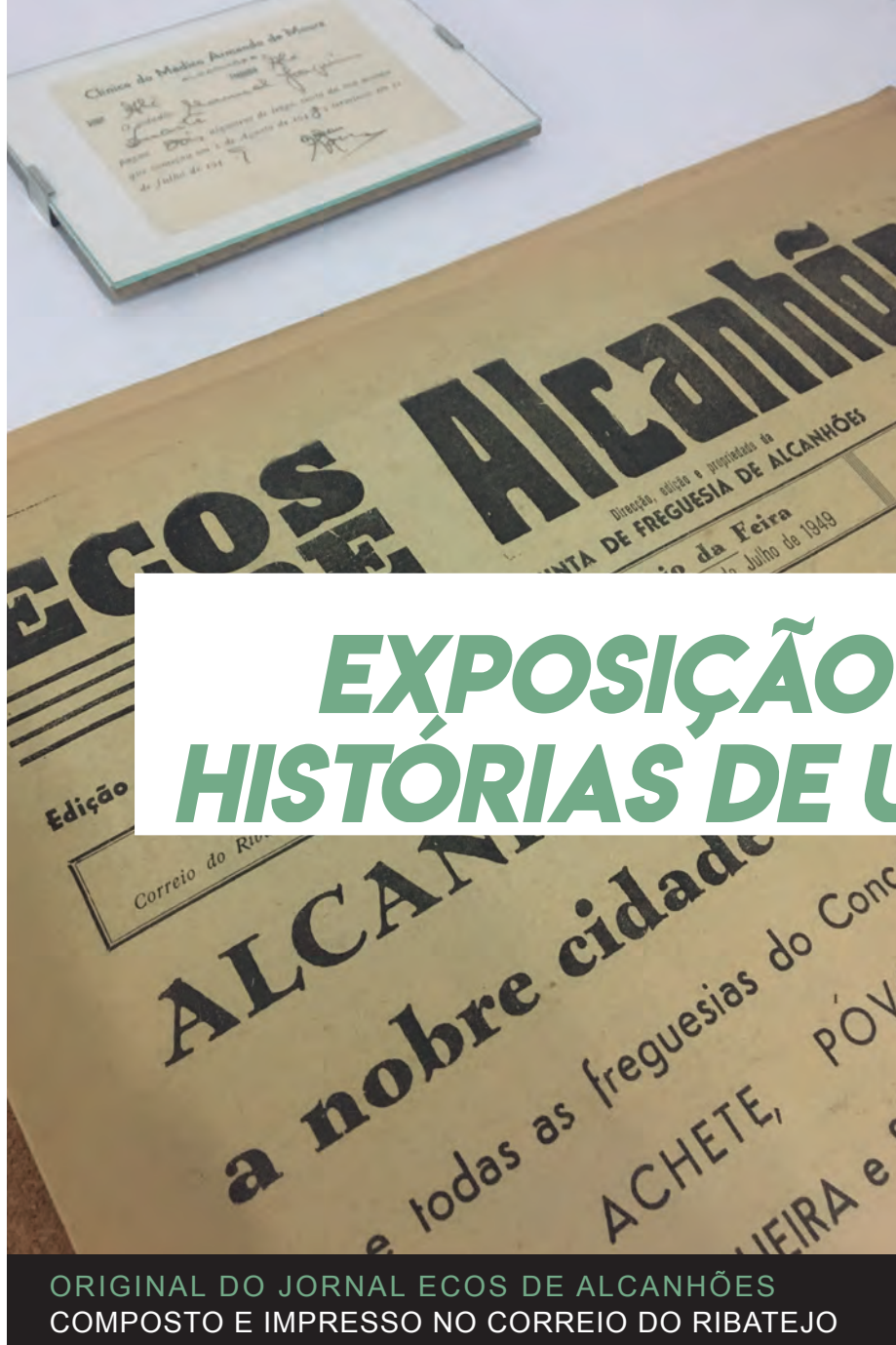
VERSÃO WEB

ecosdealcanhoes.wordpress.com

TIRAGEM

30 exemplares

Copyright © 2018



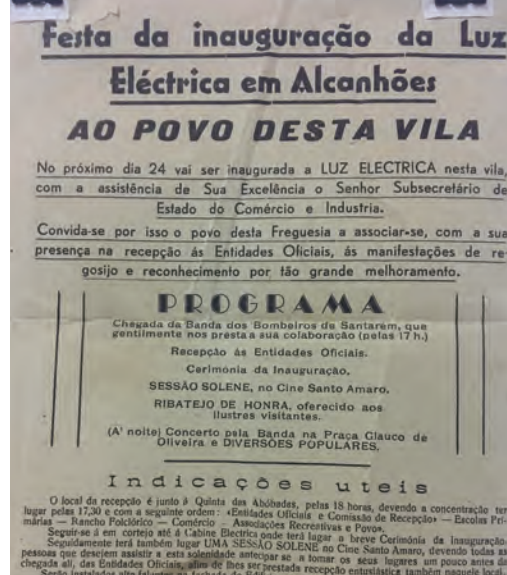
EXPOSIÇÃO 90 ANOS HISTÓRIAS DE UMA VILA

ORIGINAL DO JORNAL ECOS DE ALCANHÕES
COMPOSTO E IMPRESSO NO CORREIO DO RIBATEJO

AO SEREM ASSINALADOS OS 90 ANOS DA ELEVÇÃO DE ALCANHÕES A VILA, UM GRUPO DE PESSOAS, DESAFIADOS PELA JUNTA DE FREGUESIA, PREPARARAM UMA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA NA SEDE DA APA

Organizada cronologicamente, a exposição mostrou o espólio de várias associações e pessoas da terra, contendo textos, documentos, fotografias, jornais antigos, recortes e utensílios que fazem parte da história da Vila nestes seus 90 anos como tal.

“No início do século XVI, a povoação já era composta por cerca de 30 casas, um número considerável para a época. A partir de 1514, a povoação beneficiou de uma certa autonomia religiosa e, através de uma petição ao Prior de São Mateus, foi possível começar a realizar celebrações religiosas nesse lugar, pois tinham de percorrer uma longa distância para chegar à Igreja Paroquial da freguesia, localizada a cerca de sete quilómetros das suas casas.



Finalmente, no dia 6 de outubro de 1852, estando no trono D. Maria II, o Cardeal D. Guilherme, Patriarca de Lisboa, concedia a total autonomia civil e religiosa a Alcanhões. Pode-se, assim, estabelecer esta data como o nascimento da freguesia alcanhoense e a sua separação da freguesia de São Mateus que teria sido extinto no ano anterior pelo mesmo cardeal. E assim, a freguesia da Ribeira de Santarém e de Alcanhões tornar-se-iam independentes uma da outra.

A 21 de março de 1928, Alcanhões foi elevada a vila por decreto assinado por Óscar Carmona, Presidente da República de Portugal na época, como resposta a uma proposta apresentada pelo Governador Civil de Santarém.”

Nota histórica

ALCANHÕES VEM DE LONGE

“São muitas as referências históricas a Alcanhões, encontradas em relatos de tempos que se perdem no tempo. Livros de História, Crônicas de Reis, Registos Cíveis e Religiosos, Arquivos da Administração Pública

Muito mais podia aqui estar,
muito mais poderá vir a estar no
futuro, no formato e modo que



As palavras proferidas pelos Ex.^{mas} Ministros da Economia e Obras Publicas
junto da Barragem do Zézeo, a 14 de Setembro de 1936.

COLHEITAS	PRODUÇÕES	
	VINHO	TRIGO
1945	1.982.943 L "	305.383 Kg.

Texto de abertura da exposição





ENTREVISTA

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA APA - ASSOCIAÇÃO POPULAR DE ALCANHÕES, ELEITO EM 2018, LIDERA UMA EQUIPA JOVEM E COM AMBIÇÃO, QUE PRETENDE CONTINUAR O TRABALHO DA DIREÇÃO ANTERIOR.

DAVID CATALÃO

» David Catalão é o novo presidente da Associação Popular de Alcanhões (APA), maior associação da vila, que recentemente viu concluído um processo eleitoral, após um período com uma comissão de gestão, por não haverem listas candidatas a ocupar o lugar da direcção cessante.

A anterior direcção teve à frente dos destinos da colectividade por aproximadamente 12 anos, tendo, entre outros feitos, conseguido adquirir e requalificar o edifício da sede, cujo telhado tinha ruído, bem como adquirir o terreno onde tem instalado o campo de futebol.

O novo presidente falou ao Ecos de Alcanhões sobre este



desafio que agora enfrenta, sobre a sua equipa e sobre os projectos para o futuro.

Como é que surgiu a ideia desta candidatura à direcção da APA?

Este grupo já tinha a ideia de formar uma associação, tendo surgido a hipótese de entrarmos com uma lista candidata à APA, após esta ter ficado sem órgãos directivos. Após várias



conversas e tendo ponderado bem a decisão, que não foi tomada “do dia para a noite”, fizemos meia dúzia de reuniões antes de darmos a saber que tínhamos a intenção de apresentar uma lista, onde discutimos objectivos e obrigações que uma associação deste tipo requer e depois dessas reuniões marcámos uma reunião com o conselho administrativo que a APA tinha na altura, para apresentarmos a

ideia e a lista.

Sendo uma equipa jovem, foi fácil arranjar os elementos necessários para constituir a lista?

Nós somos uma equipa jovem, com 13 elementos e foi mais ou menos fácil. Houve alguns entraves. Poderia apresentar uma lista de 50 pessoas, mas o problema é que é preciso confiança e disponibilidade, é preciso responsabilidade e muitos fundamentos para se fazer parte de uma lista para uma associação como esta, com tantos anos e tanta história. Não é fácil, mas foi uma lista escolhida “a dedo”, pois basicamente confiamos todos uns nos outros, o que é muito importante.

Em termos de ideias e grandes objectivos e desafios para o futuro, o que já têm pensado?

Nas reuniões que já mencionei, também discutimos os objectivos que iríamos implementar na APA. Esses objectivos passam pela requalificação da cozinha na sede, fazendo as obras necessárias para dignificar o espaço, tornando-o funcional e moderno. Outro dos objectivos é continuar com a participação e realização das festas que a anterior direcção já participava, nomeadamente com uma tasquinha

na Feira de Santa Marta em Julho e organizando a Festa da APA, de aniversário, em Setembro, este ano nos dias 15, 16 e 17.

Também temos o objectivo de voltar a implementar o desporto na APA, principalmente o futebol, entrando já este ano no campeonato do inatel com uma equipa sénior. Nesse sentido já estamos a trabalhar em saber as condições, tratar de patrocínios e estamos prontos a avançar. Também realizámos o torneio de futsal no ringue polivalente, que outrora foi uma referencia e uma realidade. Quisemos reavivar essa competição e foi um sucesso.

Tínhamos o objectivo de realizar um jantar de apresentação ao sócios e à população. O mesmo já foi realizado, tendo sido o nosso primeiro evento, que também correu muito bem, melhor até do que estávamos à espera.

A dinamização da sede da APA também é um dos objectivos deste mandato, tentando que a mesma esteja aberta aos sócios, sócios esses que são, de momento, cerca de 400, mas que queremos aumentar. Participámos ainda na corrida de carros de rolamentos organizada pela Associação de Pais das escolas, com um carrinho.

(cont.)

O espaço do campo de futebol, sendo da associação e indo receber jogos, vai ser dinamizado. Já estão a trabalhar no sentido de criar as condições no mesmo?

Estamos a vender umas rifas para a ajuda da recuperação do campo de futebol e do espaço

envolvente, para

podermos dar início

à época. Temos de

requalificar aquele

recinto, tendo já

pedido orçamentos

para esse efeito,

tanto para o campo,

como para a

cozinha, estando

a unir esforços

para avançar com

trabalho para garantir as condições mínimas para o arranque do campeonato.

Neste âmbito, é de enaltecer a anterior direcção, tanto por ter adquirido o recinto, como pelo que lá foi desenvolvendo, tal como fez com a sede, sendo um trabalho muito importante e que tem de ser lembrado e enaltificado, pois meteram o seu nome à frente e lutaram para que hoje isso fosse uma realidade, para que pudessem vir outros e dar continuidade ao excelente trabalho que eles fizeram. Alcanhões tem sempre de reconhecer isso.

Estando como presidente ainda há pouco tempo, que balanço já fazes deste período?

De início estávamos com muito receio, quando chegamos, tínhamos medo de que as pessoas, a população, não aderisse, mas quando realizámos o jantar tirámos as dúvidas. Foi o primeiro evento em que demos a cara, apesar de já termos feito uma colaboração com a junta de freguesia na Festa do Vinho, nas bancas do mercado, não tendo dado para medir bem aí o nível de aceitação, apesar de ter corrido muito bem. Só no jantar vimos

que a aceitação foi boa, por parte da população, sendo o balanço muito positivo.

Depois com o torneio de futsal, conseguimos levar lá as pessoas a ver os jogos, a conviver e acho que por tudo isso o balanço destes

meses tem sido

positivo, mesmo as

críticas que vamos

recebendo e ouvindo

na rua, têm sido

muito positivas e

construtivas, temos

sentido bastante

apoio, o que é bom,

pois além de sermos

uma nova direcção,

somos todos “caras

novas”, mas o

balanço tem sido bastante positivo.

Que mensagem gostarias de deixar aos sócios e simpatizantes da APA e para a população de Alcanhões em geral?

Uma mensagem especial aos sócios, por acreditarem na APA, mas uma mensagem de agradecimento para toda a população. Agradecer o apoio e a colaboração, tanto das pessoas como das entidades e patrocinadores que já temos, nos eventos já realizados e pedir sempre o apoio de toda a gente de Alcanhões, das entidades e empresas, para todo o tempo que nós aqui tivermos.

Quero aproveitar também para agradecer a toda à minha equipa, à actual direcção, por fazerem parte, por acreditarem e por todo o trabalho, interesse e apoio que estão a desenvolver.

Por fim, uma palavra de agradecimento ao Centro de Dia, à Junta de Freguesia, ao Retiro do Caçador, à Voltas do Costume, à Coviran, ao Retiro dos Apressados, à Prio, à Padaria Duarte Antunes, à Adegas Cooperativas de Alcanhões e às adegas particulares, ao Crédito Agrícola e a todos os que nos têm apoiado.





TORNEIO DE FUTSAL

ASSOCIAÇÃO POPULAR DE ALCANHÕES

A APA ORGANIZOU UM TORNEIO DE FUTSAL NO RINGUE POLIVALENTE, TRAZENDO DE VOLTA UMA COMPETIÇÃO QUE JÁ FOI UMA TRADIÇÃO NA NOSSA VILA

Dezasseis equipas marcaram presença no torneio, que se disputou durante os fins-de-semana de Junho e início de Julho, tendo a equipa dos Sardões do Planalto, de Santarém, vencido a prova, ficando a equipa do Retiro do Caçador no segundo lugar.

No final, realizou-se um jogo amigável entre a atual e a anterior direção da APA.

Uma aposta ganha, que voltou a trazer pessoas ao espaço do ringue polivalente e voltou a reavivar os torneios que outrora eram uma constante.



NO DIA 02 DE JUNHO, A ASSOCIAÇÃO DE PAIS DE ALCANHÕES ORGANIZOU O PRIMEIRO RALLY DA CRIANÇA E UM DIA REPLETO DE ATIVIDADES PARA AS CRIANÇAS DE ALCANHÕES.

A MANHÃ FOI OCUPADA COM AS CORRIDAS DE CARROS DE ROLAMENTOS E A TARDE COM ATIVIDADES PARA AS CRIANÇAS

A parte da manhã foi dedicada à primeira edição do 'Rally da Criançada', uma prova de ladeira com carros de rolamentos construídos pelos participantes.

A prova realizou-se em dois escalões etários, tendo um percurso mais curto para crianças, com partida junto ao "Largo do Arneiro" e chegada junto à antiga Casa da Matança, atual sede da Associação de Caçadores. Para o escalão sénior, a partida fez-se junto ao café Retiro do Caçador e terminou no mesmo local que o escalão inferior, sendo o percurso um pouco maior e com mais exigências técnicas e de perícia.

Diogo Heleno foi o vencedor do escalão Infantis, completando a descida em apenas 46 segundos, com uma vantagem de apenas um segundo para o segundo classificado, Francisco Pintassilgo.

No escalão Sénior o vencedor foi Joaquim Fernandes com o tempo de um minuto, tendo como vantagem para o segundo classificado, António Traquinas, 11 segundos.

A população juntou-se ao longo do percurso para assistir às descidas, sendo uma aposta ganha da Associação de Pais de Alcanhões, que promete voltar no próximo

RALLY DA CRIANÇA

CARROS DE ROLAMENTOS

A ASSOCIAÇÃO DE PAIS DAS ESCOLAS DE ALCANHÕES ORGANIZOU UMA CORRIDA DE CARRINHOS DE ROLAMENTOS PARA CELEBRAR O DIA MUNDIAL DA CRIANÇA





ano com mais uma edição.

No período da tarde, na Praça Glauco de Oliveira (Largo do Arneiro), em conjunto com outras associações e IPSS da freguesia, foram dinamizadas várias atividades e workshops, onde os mais novos puderam experimentar vários desportos, jogos e experiências.

Jogos tradicionais intergeracionais, escalada, atividades com os Bombeiros e passeio no auto-tanque dos Bombeiros Voluntários de Pernes, futebol, dança, pinturas faciais, enviar cartas para casa e tiro com arco foram algumas das experiências que puderam realizar.



@cesaraugustogarcia



@joao_antonio_guerra_jr



@brunogfsousa



@c_e_santos



@davidmbranco



@cesaraugustogarcia



@c_e_santos



@ines.asper



< INSTANTES

Registos que recordam breves instantes de Alcanhões, das suas gentes, locais, costumes, tradições e mesmo do dia-a-dia das gentes da vila ou que a visitam. USA A HASHTAG #ALCANHOES no Instagram para veres aqui a tua foto na próxima revista.

@isaacpimenta_music



@marquespinto



@j_edzz





Retratos de gentes de Alcanhões que vão sendo partilhados no facebook

ALCANHÕES MORAS NO ALTO, MESMO AO CIMO DO PLANALTO, ORGULHOSA DE BAIRRISMO. O TEU POVO TE VENERA, COM AMIZADE SINCERA E VERDADEIRO CIVISMO.

IN: POEMA PARA ALCANHÕES DE ALBERTO LEIRIA (FADO)



GENTES





FEIRA ANUAL

A FEIRA DE SANTA MARTA REALIZA-SE ANUALMENTE NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA DE JULHO. ESTE ANO DECORREU NOS DIAS 27, 28 E 29, COM MUITA ANIMAÇÃO,

COMO É HABITUAL E COM UMA GRANDE ADESAO DE PÚBLICO.

A edição de 2018 da Feira de Santa Marta foi novamente um momento de muito convívio entre as gentes de Alcanhões e quem nos visita por estes dias.





Nesta altura do ano muitos dos nossos que vivem fora da vila e até fora do país, regressam para passar férias e aproveitam para usufruir da programação e animação que este certame oferece.

No primeiro dia, sexta feira, a Feira abrou com um brin-



de, cortesia da Adega Cooperativa de Alcanhões e a noite foi de baile com o conjunto musical Ministério, ao qual se seguiu a animação com o DJ da terra, Rui Leiria.

No sabado, a novidade deste ano foi o torneio de chinquillo, promovido pelos Dadores de Sangue. Há noite, o habitual Festival de Folclore, organizado pelo Rancho Folclórico de Alcanhões, trouxe este ano o Rancho Folclórico da Cortelha – Algarve, as Ceifeiras e Campinos de Azambuja, o Rancho Etnopopular Ilha de Pombal e o Rancho Folclórico de Vilarinho das Quartas – Arcos de Valdevez.

Após o Festival, a animação continuou com Sérgio Corista e a noite fechou com a actuação do DJ Mister P, que animou os resistentes madrugada dentro.

O último dia, domingo, teve da parte da tarde jogos tradicionais trazidos pelos utentes do Centro Social Paroquial de Santa Marta (Centro de Dia) e a noite foi abrilhantada com o baile com o Duo Daniel Matos. Além dos expositores com artesanato, doces, roupa, bijuterias, vinhos e outros produtos, várias associações locais marcaram presença, tanto para divulgar as suas iniciativas, como para vender refeições e petiscos.

Associação Popular de Alcanhões, Associação de Pais de Alcanhões, Rancho Folclórico de Alcanhões, Lar Evangélico Nova Esperança, Centro Social Paroquial de Santa Marta e Associação de Caçadores e Pescadores de Alcanhões e Vale de Figueira tiveram os seus espaços em mais uma edição da Feira de Santa Marta, que apesar de manter o nome “feira”, é hoje uma festa, não descurando as suas raízes, através dos vários expositores presentes, mas que se foi adaptando aos tempos modernos, trazendo a Alcanhões largas centenas de pessoas.

Ilustração: Leonardo Sousa

Fotografias: David Matos Branco, JFA e APEAL





FEIRA DE SANTA MARTA

TEXTO DE JAIME CUNHA, IN CORREIO DO RIBATEJO DE 28 JUNHO DE 2016

Aí está o fim de julho e mais uma Feira de Santa Marta a animar a nossa terra e a mexer com recordações arrumadas nas nossas memórias.

Lembro o tempo da escola – já lá vão cinquenta anos – a chegada das férias grandes e a espera pelos dias da feira.

O Arneiro, espaço daquele tempo para as brincadeiras e para os jogos de futebol da rapaziada, transformava-se com a colocação das primeiras varolas com bandeiras. Num canto do largo, junto às árvores de grande porte que havia onde agora está o parque infantil, instalava-se a primeira barraca de comes e bebes, feita com varolas e coberta com rama de eucalipto.

A festa começava muitos dias antes da feira quando chegava o Ti Américo das Peneiras, na sua carroça puxada por um burro, carregada de crivos e peneiras que eram o seu negócio. Trazia também um caixote de papelão cheio de

livros de banda desenhada que faziam as delícias dos mais novos. Por aqueles dias os passeios da estrada transformavam-se em sala de leitura e os rapazes disputavam os livros de Cowboys, do Tio Patinhas, do Tim-Tim, e de outras aventuras que o Ti Américo, com paciência infinita, emprestava sem por isso cobrar alguma coisa. Quando chegava a feira e punha os livros à venda já estavam lidos e relidos.

Depois era a chegada de outros feirantes, alguns tradicionais e com estatuto de antiguidade e lugar cativo. Eram o Restaurante do Caniço, os Brancos da loiça, o homem dos barros, as quinquelheiras que vendiam bolas de serradura com um elástico. O fotógrafo à “la minuta” com um cavalete de madeira para sentar os meninos e um cenário para fotografar grupos de forcados a pegar o toiro. Havia a feira do gado, em espaço próprio, por entre o arvoredor.

Ah! E o carrossel. Ficava o Arneiro cheio e o sucesso da Feira garantido. “Truca-truca na bolinha do Al-verca! Mais uma corrida, mais uma viagem!” Cada



- FEIRA DE ALCANHÕES

volta dez tostões. Música, animação, alegria, voltas e mais voltas.

Quando vinha uma pista de carros de choque, então a Feira era mesmo uma coisa em grande.

Nos dias da Feira o Arneiro era enorme. Parecia que o espaço crescia e Alcanhões era o centro do Mundo. A iluminação montada pelo Manuel da Cunha, electricista, dava a tudo aquilo uma vida, cor e magia que enchia as gentes de orgulho e ânimo para mais um ano de trabalho.

Lembro a feira dos anos oitenta quando em tempo de crise quase acabou. Não havia carrosséis, nem pistas de carros, os feirantes eram poucos, as pessoas quase desistiram da sua Feira.

Mas, felizmente, os executivos da Junta de Freguesia nunca desistiram e as gerações mais jovens deram outra vida à Feira. Reinventaram-na, puseram-na na sua agenda. Fazem-na fazer-se todos os anos.

A forma e o formato são diferentes? São. Evoluíram, acompanharam o tempo.

Mas...HÁ FEIRA DE SANTA MARTA EM ALCANHÕES.

Jaime Cunha
Alcanhões, 15/07/2015



OTL VERÃO'18

ESTE VERÃO AS CRIANÇAS DE ALCANHÕES TIVERAM A OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR NUM PROGRAMA DE OTL - OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES, PREPARADO PELA ASSOCIAÇÃO DE PAIS, CENTRO DE DIA E PELA JUNTA DE FREGUESIA. SEMANALMENTE VÁRIAS FORAM AS ATIVIDADES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS



Atividades desportivas, visitas a empresas da vila, como a Vacaria Terra das Chantas, a padaria Duarte Antunes e outras, tardes na piscina, cinema, jogos tradicionais, atividades junto com os idosos do Centro de Dia e do LENE, visitas de estudo, idas a uma praia fluvial e até mesmo uma experiência com os Bombeiros, foram algumas das atividades que as crianças que participaram neste OTL puderam fazer, nas várias semanas em que o mesmo decorreu.

A última semana de Junho e as semanas do mês de Julho foram diferentes e bem divertidas para as crianças de Alcanhões que participaram nesta experiência.

Cada um dos momentos, além de lúdico, teve a sua componente educativa, levando os participantes a desenvolver trabalhos manuais e jogos em equipa relacionados

com a visita ou atividade que participaram.

Também em conjunto com a EMAS - Equipa Multidisciplinar de Ação para a Sustentabilidade da Câmara Municipal de Santarém, tomaram consciência para as questões ambientais.

“Foram semanas muito intensas, com diversas saídas do edifício escolar, com a finalidade de proporcionar às crianças experiências e conhecimentos vários, como espelha a pequena amostra fotográfica que aqui partilhamos”, pode ler-se na página do facebook da freguesia.



A ASSOCIAÇÃO DE
PAIS DAS ESCOLAS DE
ALCANHÕES REPRESENTOU
A FREGUESIA



JOGOS COM FREGUESIAS

ALCANHÕES FOI À FINAL

‘A Criançada’, equipa da Associação de Pais de Alcanhães, em representação da nossa freguesia, participou nos Jogos com Freguesias, no Complexo Aquático de Santarém

Onde, numa primeira fase, ficou num excelente segundo lugar, sendo uma das dez freguesias apuradas para passar à fase final, que se disputou na noite do passado dia 13 de julho.

Nesta final, a equipa ultrapassou quatro desafios, sempre com um espírito de equipa notório e com muita animação, contagiando todos os presentes com o seu espírito alegre.

O resultado não foi o ambicionado, mas a diversão foi mais que muita, tendo ficado em quarto lugar, juntamente com outras duas equipas.

A vontade de participar na próxima edição, em 2019, que nessa noite ficou prometida por parte da Vice-presidente da autarquia, Inês Barroso, está em todos os elementos da equipa de Alcanhães, que sentiu o calor do apoio de familiares e amigos que se dirigiram ao Complexo Aquático de Santarém para apoiar a equipa.

No final, esta associação “trouxe para casa” o prémio de participação, no valor de 250 euros.

Os Jogos com Freguesias são uma organização da empresa municipal Viver Santarém e têm como objetivo promover a prática desportiva e o convívio entre freguesias, bem como dinamizar as valências do Parque Aquático.





ANTIGA FÁBRICA DE TUBAGENS
JÁ É PATRIMÓNIO DA FREGUESIA

BOAS NOTÍ CIAS

CASA DAS COLETIVIDADES

Foi assinado no passado dia 10 de Março o protocolo de cedência do edifício da antiga fábrica de tubos, adquirida em permuta de imóveis pela autarquia, com a freguesia de Alcanhões.

O presidente da Câmara Municipal de Santarém, Ricardo Gonçalves e o presidente da Junta de Freguesia de Alcanhões, Pedro Rui Branco, assinaram, nas instalações da

junta, o protocolo de cedência à freguesia deste imóvel, que posteriormente, em Assembleia de Freguesia, foi identificado com o nome "Casa das Coletividades".

No dia de assinatura do protocolo foi feita uma visita ao local, com vários populares e membros de associações e o primeiro evento ali realizado foi a Festa do Vinho, logo nos dias 23 e 24 daquele mês.

Já foi feita a limpeza exterior do espaço e algumas intervenções pontuais, não estando ainda definidos nem tornados públicos os moldes de funcionamento desta infraestrutura que será colocada ao serviço da população.

Também no decorrer da Feira de Santa Marta, o espaço foi utilizado para servir as refeições aos grupos folclóricos participantes no Festival de Folclore.

Este edifício situa-se zona das Sopas. Além de amplo "salão", dispõe de primeiro piso com salas de menores dimensões e de um espaço exterior alcatroado e devidamente vedado, com grandes dimensões, tendo ainda uma parcela de terreno contígua.



ASSOCIATIVISMO NOTÍCIAS

NOTÍCIAS BREVES RELACIONADAS COM AS ASSOCIAÇÕES
ATIVIDADES QUE VÃO SER LEVADAS A CABO EM BREVE
DATAS IMPORTANTES A FIXAR NAS AGENDAS

FESTA DE ANIVERSÁRIO DA APA

A festa de aniversário da Associação Popular de Alcanhões (APA) já tem data marcada. Será nos dias 14, 15 e 16 de Setembro no 'Largo do Arneiro', como habitual, sendo que o programa será anunciado em breve.

DÁDIVA DE SANGUE

A próxima recolha de sangue promovida pelo Grupo de Dadores Benévolos de Sangue de Alcanhões acontece no dia 4 de novembro, na escola primária.



ESCUTEIROS VÃO AOS AÇORES

O grupo dos pioneiros do agrupamento de escuteiros (634) de Alcanhões vai estar entre os próximos dias 03 e 07 de setembro nos Açores.

Após dois anos a preparar este empreendimento, a viagem vai acontecer. O grupo irá estar nas ilhas do Pico e Faial e irá realizar atividades sozinho e com escuteiros locais.



RANCHO FOLCLÓRICO DE ALCANHÕES COM 20 ATUAÇÕES EM 2018

O Rancho Folclórico de Alcanhões tem percorrido este ano o país a levar a cultura, tradição e a etnografia do Ribatejo e de Alcanhões, onde quer que actue. Já o fez 15 vezes este ano. Após a participação no seu Festival durante a Feira de Santa Marta, a formação de Alcanhões vai atuar ainda na Póvoa de Santarém, Boavista (Leiria), Amadora e na TVI.

ARRAIAL NO ADRO

Realizou-se, por altura do São João, um Arraial Popular no Adro da Igreja, organizado pela paróquia, como angariação de fundos para a restauração da Igreja Matriz de Alcanhões, que precisa de uma intervenção ao nível da estrutura, colunas de sustentação do coro alto e dos azulejos interiores. O Arraial contou com uma sardinhada e animação musical.

A FECHAR...

NOITE DE FADOS DIA 8 DE SETEMBRO JUNTO À CAPELA DE N. SRA. DAS MARAVILHAS

OPINIÃO

Artigos de opinião de pessoas de Alcanhões

ENVIE O SEU ARTIGO DE OPINIÃO PARA
ESTE ESPAÇO. PODE FAZÊ-LO NA PÁGINA NO
FACEBOOK 'ECOS DE ALCANHÕES' OU PELO EMAIL
ECOSDEALCANHOES@GMAIL.COM

“REFLEXO E IMAGEM” ALCANHÕES, - HOJE -

M. ELISA R. VENTURA

Hoje, ao escutar o povo de Alcanhões é normal ouvir esta resposta: “Hoje não há nada”, tudo acabou.

Ouvimos isto, sobretudo aos mais velhos.

Alcanhões tinha tudo... Agora, Nada.

Ao escutar os jovens, “aparentemente”, é diferente. O Antigamente é História, hoje temos outras coisas. Estudamos, temos telemóveis, e outras tecnologias que nos ajudam, sem precisarmos de “trabalhar” muito.

Tenho pensado e refletido no que vou ouvindo, mas sobretudo no que vou observando e escutando sem ser vista, nem achada na conversa.

Naturalmente, tenho em conta toda a realidade Portuguesa mas, procuro entender qual é a “Identidade” do Povo de Alcanhões. O que me liga à minha terra? O que é que faço, ou devo fazer para desenvolver Associações e Atividades que ajudem os outros, e...

sobretudo, a mim próprio?!

Sim! “a mim próprio”. Quando se ouve alguém jovem dizer: “Não faço isso”, - jardinagem, por exemplo, - “A minha mãe ainda faz essas coisas, eu não”. Já sou uma pessoa importante. Ou, outros dizerem: Vamos embora de Alcanhões. Esta gente não presta. Etc, etc...

Os mais velhos dizem: “No meu tempo, quando decidíamos, as coisas faziam-se”.

É verdade! Decidiam, mas, quem fazia era o povo. Quem tinha e decidia eram os senhores. As consideradas famílias de bem. Sim! Hoje somos o Reflexo histórico de uma sociedade de classes, que ainda hoje tenta “SER” e não trabalha. Infelizmente as consequências vão-se tornando evidentes para quem conhece e está atento. Tudo acabou, porque não há quem trabalhe!

O Povo passou a ser “gente”. A ter as mesmas possibilidades dos filhos/filhas dos senhores. O Problema é que os “complexos” inconscientes refletidos ao longo dos tempos permanecem.



Que identidade tem um Alcanhoeiro?

Provavelmente, será a Imagem do todo que lhe interessa. A Indiferença, a apatia e o desinteresse pelo “nós”, pelo Todo. Apenas faz para dar nas vistas, para se mostrar.

Isto, era o mesmo que os senhores faziam antigamente, para SER e TER, nome e dinheiro.

Acabaram as termas, os lagares de azeite, a moagem, as coletividades, a feira de Santa Marta, as feiras de gado. Tudo o que identificava Alcanhões.

Hoje, ficamos com a “Chave do Vinho”. Felizmente. Ficou alguma coisa.

A Chave Francesa e a Chave Inglesa ficou para os imigrantes.



CARLOS A. FLOR SOARES

Flor de Culturas, como disse?

- Digo: lugar de experimentação duma via simples. Duma Vida simples!

O mundo futuro – e já hoje, no presente – é um lugar onde se põem em prática formas de ser e de estar em modo decrescente, em termos energéticos, sejam claros. Modos lentos de ser. Com baixos consumos energéticos e ritmos de existir e fazer, bem mais próximos dos ritmos da Natureza.

Quero com isto dizer que andaremos todos e todas mais consciente e eticamente (pre) ocupados quer com o bem-estar coletivo quer com a saúde da nossa Terra-mãe.

Assim, e porque “o tempo não existe”, há que fazer já hoje o que estiver ao nosso alcance. Neste novo projeto sediado em Alcanhões, há tempo e espaço para esse cuidar preocupado com o bem-estar de tudo e de todos/as.

São evidentes os sinais que apontam para o dever de se encontrarem novos paradigmas de viver. São verdadeiros os sinais de que os recursos do planeta não duram para sempre. São sérios, também cientificamente falando, os dados que apontam para a nossa – dos Homens – ação extratora e danificadora, sem precedentes, de muitos dos recursos naturais que ainda existem. Ora, neste contexto, uma

“Nós não vemos a vida – vemos um instante da vida. Atrás de nós a vida é infinita, adiante de nós a vida é infinita. A Primavera está aqui, mas atrás deste ramo em flor houve camadas de primaveras de ouro, imensas primaveras extasiadas, e flores desmedidas, por trás desta flor minúscula. O tempo não existe. O que eu chamo a vida é um elo, e o que aí vem um tropel, um sonho desmedido que há-de realizar-se. E nenhum grito é inútil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé.”

Raúl Brandão, Húmus

mudança tranquila é urgente.

Novos paradigmas estão já a ser postos em prática um pouco por todo o Mundo. Inclusive em Portugal. E no Ribatejo. Mas são insuficientes e marginais, ainda, se pensarmos que essa mudança é necessária para este “instante da vida” que partilhamos. E o **Flor de Culturas** faz parte desse movimento... E, lentamente, vai-se afirmando como um lugar onde se experimentam ações de menor consumo energético, sob as suas múltiplas formas e tipologias... Do consumo eléctrico ao consumo de lenha; das estratégias para reduzir o consumo de água em casa às de uma maior eficiência, nas regas, por exemplo; na redução e ajuste de hábitos alimentares que colaborem quer com o bem-estar pessoal quer com o bem-estar do Planeta (menos carne, legumes e vegetais da época e de produção própria, etc); passando ainda por alguma maior frugalidade pois, afinal, o guarda-roupa já tem peças suficientes para todas as estações – isso de ir em “modas” tem elevados custos humanos e ambientais; e será que é preciso estar todos os anos a trocar de equipamentos de comunicação ou outros, quando as suas funções essenciais se mantêm ativas? É assim! Uma vi(d)a simples. Feita de muitas partilhas e interdependências assumidas como inatas.

Aqui, no **Flor de Culturas**, o privilégio é o do respeito pelo ritmo natural e sistémico da Vida. Daí a vontade em criar, em manufacturar, em dialogar, em ouvir, em respirar, em orar... E sempre em modo cada vez mais participativo, colaborativo e a várias vozes. Aqui há espaço para testar e trabalhar a imaginação, a criatividade e várias formas de criação artística. E também há espaço e tempo para cultivar a terra, colher seus generosos frutos e cozinhar frescas e nutritivas receitas, para o corpo e para o espírito. Há igualmente tempo para o silêncio. Para o diálogo interior e para o cuidar das relações fraternas, com os outros e com essa(s) entidade(s) maior que nos guia e conforta e ajuda a dar sentido à vida.

O desafio é fazermos menos e sempre melhor, em respeito pela Unidade que somos. Seremos capazes de valorizar o que é comum, o que partilhamos – desde logo o Ar que respiramos – em respeito pela diversidade que aí está, sempre. Que energia subtil é essa que nos une e mantém este fluxo da Vida? Não tenho respostas definitivas, apenas faço a minha parte e acredito que o **Flor de Culturas** está no caminho certo para contribuir positivamente para que esse fluxo melhore e se prolongue. E tu? “Nenhum grito é inútil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé”.

Em Janeiro de 2018 foi anunciada a intenção de construir uma central fotovoltaica em Alcanhões, com capacidade para cerca de 70 mil painéis solares e com uma potência total de 20.001 kWp. Segundo o édito comunicado no site da Câmara Municipal de Santarém (disponível neste endereço: www.cm-santarem.pt/downloads/editais/2018/edito.pdf), prevê-se a instalação do projecto em terrenos entre a vila e o Rio Tejo, muito próximos da Estrada Nacional 365 e do Casal Monteiro. A avançar, a central fotovoltaica ficará às portas de Alcanhões, visível para quem chega vindo pelas Assaícas.

A paisagem de que se usufrui na chegada à vila integra uma geografia muito peculiar no mundo (diria mesmo única), composta pela Lezíria e pelo Planalto de Santarém, geografia essa que já esteve em processo de candidatura a Património da Unesco. A par disso, Alcanhões é herdeira de uma história e de uma cultura universal, tradicionalmente agrícola, rural e em harmonia com a natureza. Abrir uma ferida nas portas da vila, transformando o verde da planície numa floresta de metal, desvirtuará a beleza natural da região e a herança das suas gentes.

Sou 100% a favor das energias renováveis, sei que são a alternativa para o futuro do planeta, mas há que ter lucidez. Este sistema capitalista em que vivemos exerce pressão sobre os recursos do mundo e é essa pressão que motiva a construção de mais uma central para produzir energia. Além de ser necessário repensar a nossa

acção sobre a Terra, reajustando o nosso estilo de vida, é urgente terminar com o padrão em que são sempre as populações rurais a sofrer os impactos das acções e da voracidade consumista dos grandes centros urbanos onde se concentra o poder. Pois não serão os empresários e os governantes que vendem e decidem o preço da energia que terão de ver, todos os dias, a central fotovoltaica à porta de casa. Seremos nós, que aqui vivemos. Serão os que vierem depois de nós, que nunca terão a oportunidade de ver a terra como nós a vimos.

Aos lugares estão associadas memórias. Existem histórias, porque existe passado. Há uma identidade que permanece. E tudo isso é património. O direito à preservação do património natural, paisagístico, cultural e imaginário é uma das minhas reivindicações. Não quero que a terra onde nasci seja vítima da transfiguração que o capitalismo impõe ao mundo. Não. Em Alcanhões, não! E nego-o não só pelas razões que aponte, mas pelo facto de um projecto como este alienar por completo a possibilidade de desenvolver outras áreas de negócio para as quais a vila tem grande potencial, bem mais sustentáveis e geradoras de riqueza para a comunidade local, para as famílias da região. Refiro-me ao potencial para o turismo, que está latente na vila, nomeadamente o turismo rural, ecoturismo, agro-turismo, turismo paisagístico, turismo gastronómico, turismo religioso ou turismo de habitação. Não é difícil reconhecer essa potencialidade, basta estudar o passado histórico milenar da vila, conhecer as suas gentes e

tradições, a gastronomia, o vinho (a única adega cooperativa do Concelho de Santarém está em Alcanhões) e as características da paisagem. Para isso, é necessário caminho, que haja projectos e empreendedorismo local. Mas para esse caminho ser feito não poderá haver nele uma central energética a corromper a identidade da vila e da região.

Esta não é apenas uma questão de Alcanhões. É uma questão das comunidades que vivem no mundo rural um pouco por todo o mundo. A demanda pelos recursos do planeta cresce, a pressão sobre os territórios rurais para a construção de centrais aumenta e a alternativa que oferecem às populações não passa da mera resignação. Mas há outras alternativas. Seria pioneiro as empresas tecnológicas e energéticas, em parceria com os governos que existem pelo mundo, apostarem na produção energética familiar, instalando em cada telhado painéis solares – ou telhas solares, como já as há. Dessa forma, além de se reaproveitar o espaço já ocupado para habitação, fazendo de cada casa uma minicentral de produção de energia, evitava-se a sobreexploração da Terra com a construção de mais e mais centrais. Sei que é uma ideia perfeitamente exequível. O único impedimento para que tal aconteça é a vontade, tanto do poder político como das corporações, já que um projecto deste tipo tornaria as populações independentes energeticamente, colocando em risco negócios muito lucrativos. E o negócio está primeiro. Sempre esteve. Só deixará de estar se nos mobilizarmos.

* escritor

ALCANHÕES É A TERRA QUE ME VIU NASCER

ISAAC PIMENTA

Quando fui convidado a escrever este artigo sobre Alcanhões, a primeira pergunta que me surgiu foi “O que é Alcanhões para mim?”, e depressa cheguei a uma resposta: “Alcanhões é o berço da minha vida!”. Facilmente se percebe o porquê desta minha resposta, foi nesta vila que eu comecei a andar, ler, escrever, onde dei os primeiros acordes numa guitarra e onde entoei as primeiras notas musicais, sem sequer saber que a música viria a tornar-se tão importante na minha vida. Ora, é precisamente a música que me leva a fazer a seguinte pergunta: “Como seria compôr uma música sobre Alcanhões?”

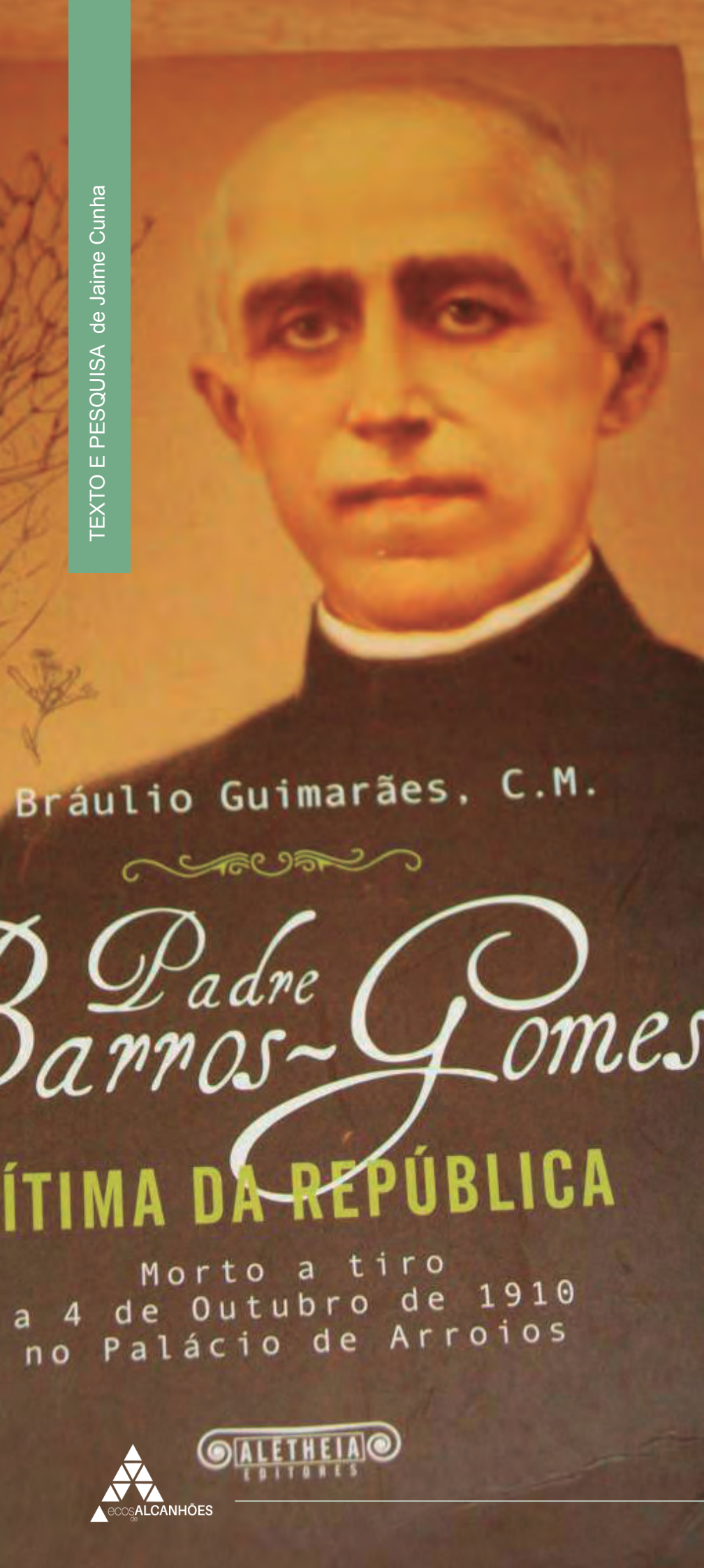
Em primeiro lugar, essa música teria que ter um andamento relativamente rápido, pois a vila é conhecida como a terra dos apressados. Teria de ter uma tonalidade maior, pois um dos símbolos de Alcanhões é o vinho e, tal como a tonalidade maior, o vinho está associada à alegria, à festa e à partilha. Optaria por escolher um compasso ternário, por ser um compasso associado a várias danças típicas regionais (a mais conhecida é o fandango), nacionais e internacionais.

Se tivesse de escolher alguns instrumentos para tocar essa música, começaria por escolher uma

flauta e um violino solo, que iriam tocar, em uníssono, uma melodia rápida e dançante. Esses instrumentos têm um âmbito relativamente agudo, semelhante à voz de uma mulher, fazendo assim referência a um elemento feminino muito importante para a vila: Santa Marta, a santa padroeira de Alcanhões; estes instrumentos têm também a característica de transportar, automaticamente, o ouvinte para uma dimensão rural, de festa, em que todas as pessoas se conhecem e celebram a vida. Juntaria a viola e o cavaquinho (ou braguinha) para o acompanhamento: a viola por ser um instrumento com graves fortes e permitir uma boa dinâmica para o acompanhamento e o cavaquinho por ser um instrumento tradicionalmente português, com a característica de ter fortes agudos, criando um ambiente alegre e festivo.

Para a conclusão da composição dessa música, optaria por introduzir um final discreto, criando um efeito de “fade out”, o que leva à sensação de inexistência do momento onde acabaria a música. É como se a música se prolongasse no tempo, tal como Alcanhões se prolonga, acompanhando várias gerações, histórias, pessoas e ambicionando por voltar a ser “escutada”.





BERNARDINO BARROS

A história das terras onde vivemos faz-se de factos e de pessoas, passando de geração em geração através de registos escritos e publicados ou, em muitos casos, apenas por relatos transmitidos oralmente ao longo dos tempos.

A escassez de registos ou a sua dispersão não facilita o conhecimento de muito do que foi o passado das pequenas comunidades, como é Alcanhães, deixando esquecidos factos e pessoas que, pela importância que tiveram nas suas épocas, constituem património imaterial que a memória colectiva deveria perpetuar.

É o caso de **Bernardino António de Barros-Gomes**, personalidade que viveu entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, deixando importante marca da sua ligação a Alcanhães, apesar de daqui não ser natural e aqui ter vivido poucos anos da sua vida. O edifício que terá sido a primeira Escola desta terra foi construído por sua iniciativa, com dinheiro angariado graças à generosidade do seu esforço e dedicação, ajudando a suprir uma falta que se fazia sentir e que o Governo da Coroa recomendava através do seu Comissário para a Educação, mas que a Junta da Paróquia não conseguia concretizar devido à pobreza da população e aos escassos recursos de que dispunha.

“HÁ GENTE QUE FICA NA HISTÓRIA
DA HISTÓRIA DA GENTE
E OUTRAS DE QUEM NEM O NOME
LEMBRAMOS OUVIR”

Jorge Fernando, Chuva

BERNARDINO BARROS GOMES

Quem foi, então, Bernardino de Barros-Gomes?

Filho do Dr. Bernardino António Gomes, médico, cientista e botânico, e de D. Maria Leocádia Fernandes Tavares de Barros, nasceu em Lisboa no dia 30 de Setembro de 1839. Cinco anos mais tarde nasceria **seu irmão Henrique**, este mais conhecido pela relevante carreira política que lhe deu notoriedade e cujo nome chegou aos nossos dias numa rua da Vila. Não sendo oriundos destas paragens, **a sua ligação a Alcanhões encontra-se na Quinta das Ladeiras, propriedade da família**, presente em vários momentos da vida daquele que foi o primeiro dos Barros-Gomes, conforme relatado na sua biografia “Padre Barros-Gomes” da autoria do Pe. Braulio Guimarães.

Estudante em Coimbra, onde iniciou a formação em Matemática e Filosofia, viria a interessar-se sobremaneira pelas áreas da química e da biologia, em parte influenciado pelos estudos botânicos do pai, mas, principalmente, movido por grande paixão pelas plantas e pela natureza que desde cedo manifestou. Prosseguiu a formação em Tharandt, na Saxónia, onde desenvolveu os seus conhecimentos na área da silvicultura e onde obteria o diploma de Engenheiro Silvicultor, no ano de 1860, com 21 anos de idade.

Da Alemanha traria, também, o co-

nhecimento e a paixão por uma jovem alemã, **Elisa de Wilcke, com quem casaria em 1865**, depois de ultrapassados alguns constrangimentos, nomeadamente o de ordem religiosa, uma vez que, sendo de um país e de uma família de formação católica, a união com uma protestante não era das situações mais fáceis de admitir naquela época. Mas, também neste aspecto, a determinação do Engº. Bernardino foi mais forte e o casamento concretizou-se.

Profissionalmente dedicou-se à silvicultura e à botânica, distinguindo-se pelos seus trabalhos nas matas do Vale do Zebro, da Machada e sobretudo no Pinhal de Leiria, cujo metódico ordenamento a ele se devem. Ocupou importantes cargos na Administração Geral das Matas do Reino e em outros serviços oficiais. A par disso colaborou em revistas de agricultura, deixando vasta obra bibliográfica e cartográfica com os resultados das suas investigações. O seu exemplar desempenho profissional e técnico foram largamente reconhecidos nos meios académicos e científicos que lhe prestaram justas homenagens e adoptaram muitas das suas obras para estudo.

A ligação do Engº. Bernardino Barros-Gomes à Quinta das Ladeiras e a Alcanhões encontra-se em muitas das cartas para a família referidas ou citadas na sua biografia. Ainda

jovem, estudante em Coimbra, ao informar o pai de uma viagem para Lisboa, vindo por Constância e dali navegando pelo Tejo, diz esperar encontrar a família na Quinta. Outra carta escreve ao irmão aludindo à alegria deste “a pular pelas Ladeiras” enquanto ele se quedava pelos estudos e pelas experiências científicas.

Mais tarde, já casado, decidiu que a esposa passasse os invernos em Lisboa e as férias de verão nas Ladeiras, procurando que os zelosos cuidados do pai e do irmão para com ela compensassem o afastamento a que as demoradas deslocações pelo País o obrigavam. Ele próprio aqui se fixou e encontrou alguma paz num período complicado da vida profissional, como podemos ler na sua biografia: “aproveitava o afastamento de funções oficiais para se ocupar com amoroso empenho da administração agrícola da sua propriedade das Ladeiras, em Alcanhões, perto de Santarém, sentindo-se feliz pelo convívio da terra e das suas queridas plantas, convívio que o compensava e consolava de tantas coisas menos agradáveis que lhe proporcionava o convívio dos homens”.⁽¹⁾

Algumas referências dão-nos conta de dificuldades financeiras que teria e que até a própria quinta não viveria situação muito desafogada. No entanto, a sua dedicada gestão deu frutos e, entusiasmado com os resultados, manifestava esperança de melhor fortuna com a compra dos Moios, anunciava as boas colheitas de vinho e azeite, informava a esposa do excelente tratamento dado ao viveiro de plantas que ela ali tinha e do qual chegou a levar sementes para ensaios em Lisboa. Carinhosamente dizia-lhe que os carvalhos do Jardim do Campo Grande seriam como seus filhos. (Quem sabe se ainda hoje por lá haverá algum desses “filhos” gerado em chão de Alcanhões?).

Regressado a funções oficiais,

deixou a gestão da Quinta, mas a proximidade a Alcanhões manteve-se. Com o mesmo empenho que dispensava aos estudos e aos deveres profissionais dedicou-se à construção da Escola que projectou, financiou e entregou, pronta a utilizar, sem qualquer encargo para o erário público. Usando a influência e reconhecimento que lhe dispensavam em todo o País organizou a angariação de fundos, através de rifas e subscrições, captando dinheiro em vários pontos de Portugal. Com entusiasmo e alegria dava conta à esposa da adesão que ia conseguindo e do avanço da obra, evidenciando o rigoroso cumprimento do orçamento. Já depois da morte da esposa, escrevia às filhas envolvendo-as no interesse por aquela dádiva, como podemos ler numa das suas cartas:

“Estive ontem nas Ladeiras, onde toda a gente gostava da mamã e se interessa por vós, minhas pobres meninas! Tendes lá humildes amigos que esperam e creem que sereis um dia boas para eles, que vos interessareis por aquelas escolas que ambas estarão em breve concluídas. Eram esses os votos da avozinha portuguesa. Era a obra querida da vossa mãe. Foi a obra pela qual o vosso pai iniciou a sua vida de homem que regressa a Deus. E de todo o coração a aprovou o vosso avô, cuja lembrança é tão querida de todos os nossos melhores amigos.” (2)

A “Casa Escolar de Alcanhões”, localizada no Arneiro e destinada aos rapazes, foi entregue à Junta da Paróquia em 1878, numa reunião onde esteve presente e na qual decidiram pedir ao Governo a construção de igual edifício para as raparigas. Nesse mesmo dia marcaram o terreno para o efeito.

O ano de 1879 seria de grande mudança na vida deste homem.

A esposa partira para a Alemanha,

gravemente doente e ali morreu depois de arriscada cirurgia a que não resistiu. As duas filhas mais velhas estudavam num colégio em Dresden, enquanto a mais nova que padecia de doença que a incapacitava parcialmente a nível motor ficara em Portugal aos cuidados do tio Henrique.

Bernardino Barros-Gomes, viúvo aos 40 anos, regressou aos afazeres profissionais, mas a perda da esposa determinou nova orientação na sua vida e despertou a vocação religiosa que até então manifestara em acções humanitárias,



mas, a partir desse momento, requeria recolhimento e oração. Era, como escreveu, a “vida de homem que regressa a Deus”.

De forma ponderada e organizada foi-se desligando de funções públicas, concluiu trabalhos que tinha iniciado, assegurou a formação das filhas mais velhas e o acompanhamento da mais nova, enquanto se aproximava da Igreja e das suas obras sociais e religiosas. **Entrou para o seminário e em 1888 foi ordenado sacerdote.**

Até 1896 exerceu o sacerdócio em Felgueiras e em Lisboa. Depois entrou para a Congregação dos Lazaristas onde assumiu importantes cargos de coordenação e organização dos serviços e de obras sociais e religiosas. Andou pelo País

e pelo estrangeiro, trabalhou como era seu timbre e sempre tinha feito. A família permaneceu nas suas preocupações e manteve frequente contacto com as filhas. As mais velhas, Beatriz e Leonor, seguiram também a vida religiosa. A mais nova, Alda, cresceu na casa dos tios Henrique e D. Rita que assumiram a sua protecção desde criança e com quem viveu até casar em 1897.

O Conselheiro Henrique Barros Gomes, faleceu aos 55 anos, em 1898, vitimado por doença súbita quando se encontrava na Quinta das Ladeiras onde terminou os seus dias.

O Padre Bernardino prosseguiu a sua dedicada vida religiosa e o seu grande empenho na ajuda aos necessitados, despojando-se de tudo o que tinha para acudir a quem precisava. O País não atravessava tempos de fartura e as crises sociais e económicas alastravam. Os conflitos eram constantes e o fim da monarquia aproximava-se. Os partidos republicanos tinham na Igreja e nas Congregações religiosas um dos alvos a abater e o mal-estar e perseguições acentuavam-se.

Na noite de 4 para 5 de Outubro de 1910 um grupo de revoltosos invadiu as instalações dos Lazaristas em Arroios e disparou sobre os residentes que lá encontrou. O Padre Bernardino Barros-Gomes sucumbiu na capela, abatido a tiro. Acabava ali a vida de um Homem de quem nem o nome lembramos ouvir.

Cento e quarenta anos depois de nos ter dado a Escola onde Alcanhões aprendeu a ler e escrever, lembremo-nos. Nunca é tarde!

(1) Em Guimarães, Braúlio – Padre Barros-Gomes – Pág. 92

(2) Em Guimarães, Braúlio – Padre Barros-Gomes – Pág. 189/190

Outras fontes consultadas- Actas da Junta da Paróquia de 1875 a 1878

A “CASA DAS AULAS” de Alcanhões – 1875 a 1881

Transcrição de textos das actas da Junta da Paróquia e do livro Padre Barros-Gomes, da autoria de Pe. Braulio Guimarães, nas partes que se referem à construção da escola oferecida pelo então Eng.º. Silvicultor Bernardino de Barros-Gomes.

(Excertos da Biografia do Padre Barros Gomes e de carta à esposa, de 30 de Agosto de 1874)

Trabalhou denodadamente pela fundação de uma escola em Alcanhões, onde a família tinha a sua quinta das Ladeiras. Não se poupou a toda a espécie de esforços e sacrifícios para levantar um edifício novo. Desse projecto fala à esposa a propósito do asilo já existente em Verderena pelo qual ele se interessava muito:

“... Assim nós pudéssemos chegar a criar uma nas Ladeiras, tal como a terá sonhado a minha mãe no seu amor por Alcanhões.”

“Fala disso ao meu pai, lembrando-lhe que apenas há como mestra uma pobre rapariga e que talvez a Leonor ou a Emília dos Santos se prestassem pelo menos a tentar alguma coisa parecida com um ensino pelo menos temporário. Em qualquer coisa assim, haveria, pelo menos, um elemento de felicidade para a vida de Ladeiras, inteiramente dignos de desejos e de atenção. Nem o vinho nem as vides perderiam nada com isso, antes pelo contrário, e as nossas pequenas aproveitariam também”

(Acta da Junta da Paróquia de Santa Marta, da freguesia de Alcanhões, de 09/04/1875. Membros da Junta: Pároco Manuel Rodrigues Ramos, José Thomaz da Silva, Luíz Machado)

“...ali compareceu o excelentíssimo senhor Comissário dos Estudos d'este Distrito de Santarém,

comissionado pelo Governo para inspecionar as escolas d'instrução primária d'esta freguesia; e depois d'expor o fim porque aqui comparecia, constituiu a Junta em Comissão protectora das escolas e lhe pediu e instou para que se procedesse à edificação d'uma casa para as duas aulas; pediu igualmente, e desde já, mobília para as que estavam funcionando, e a criação d'uma biblioteca popular. Em seguida, esta corporação, como Junta de Paróquia ou como Comissão protetora das escolas, ponderou que actualmente, atenta a deficiência dos meios de que dispõe, não pode fazer, nem empreender coisa alguma; vista, porém a magnitude do assunto e os bons desejos de que se acha animada, não duvida, nem hesitará, dar princípio a esse grande melhoramento logo que se ache habilitada. Ponderou mais que não confia no bom êxito da promoção d'uma subscrição voluntária, porque uma obra relativamente momentosa não se pode empreender nem realizar n'uma povoação onde os seus habitantes vivem do seu quotidiano trabalho e onde é preciso contar com a má vontade de muitos, apesar do manifesto benefício que se procura conseguir.”

(Acta da Junta da Paróquia de Santa Marta, do Lugar de Alcanhões, de 14/10/1875. Membros da Junta: José de Lima e Aguillar, José Thomaz da Silva, Luíz Machado. Regedor: Manuel António dos Santos)

“... e tendo o Exmo. Snr. Dr. Bernardino de Barros Gomes solicitado da Junta da Paróquia um pedaço de terreno paroquial, escolhido à vontade da Junta para a construção d'uma casa escolar, segundo os desenhos que foram presentes à mesma, e tendo além disso declarado que fazia este pedido em nome dos principais subscritores para obra, que logo depois de concluída seria por ele entregue à Junta como puro

e simples donativo feito à Paróquia para ser aplicado ao ensino primário do sexo masculino, a Junta, achando tão justo e louvável este pedido, houve por bem deferir nos termos seguintes: o terreno cedido é no sítio denominado o Arneiro entre as duas estradas que vêm da fonte - uma que se dirige para a travessa do Melro e a outra para as casas do Machado - e a estrada que vai da calçada do Pinheiro para o norte, limitado por quatro estacas, medindo da primeira à segunda vinte metros, de segunda à terceira dezassete, e d'esta à primeira outros dezassete.”

(Acta da Junta da Paróquia de Santa Marta, do Lugar de Alcanhões, de 28/05/1876. Membros da Junta: José de Lima e Aguillar, António de Almeida Fava. Regedor: António de Matos Faria)

“... Estando presente o Excelentíssimo Senhor Dr. Bernardino de Barros Gomes para solicitar a alteração do local concedido para edificação d'uma escola nos termos constantes da acta de quatorze de outubro de mil oitocentos e setenta e cinco, a Junta houve por bem deferir a este pedido, procedendo-se desde logo a marcação do novo local; medindo-se da esquina sudoeste da casa de Manuel Joaquim Melro (no sítio do Arneiro) para a esquina sudoeste do muro de Bernardina Bernardes, dezasseis metros até À primeira estaca e d'essa à seguinte mais vinte; e declarando-se que todo, digo, mais vinte e quatro; e declarando-se que todo o terreno adjacente para leste das ditas estacas até as serventias próximas e sem prejuízo destas se incluía na concessão, com o que se declarou satisfeito inteiramente o Exmo. Sr. Barros-Gomes”

(Excertos da Biografia do Padre Barros Gomes e de carta à esposa, em Dia de Corpo de Deus de 1879) A ideia da escola de Alcanhões foi

indo por diante. No dia do Corpo de Deus, escreve ele: “O negócio da escola de Alcanhões vai resolver-se em breve e é provável que se resolva favoravelmente com ajuda do Henrique. O patronato tem 50\$000 de subscritores anuais e 1\$000 de donativos. Nosso Senhor concede-nos mais do que merecemos certamente, e muita pena tenho que não saibamos andar mais depressa; a rifa ainda está a meio caminho! De Coimbra recebi eu hoje, com muito gosto, 2\$400. São dois lentes que se inscrevem, graças a Deus. Con-to imitar o Marquês de Fronteira e o Duque de Palmela, e peço a Deus que me ajude a combinar uma bela e grande distribuição de circulares...”

(Carta do Eng.º. Bernardino Barros Gomes, à esposa, de 6 de Julho de 1879)

“Hoje, os adobos de tufo e a pedra para construir a escola ficaram contratados em hasta pública por 71\$000, exactamente o mesmo que no orçamento. Vês que isto vai indo depressa. Oh! Meu Deus, como devemos abençoar o vosso Santo Nome! Eis a minha miséria e o que Deus permite conseguir apesar desta miséria!”

(Acta da Junta, de 24/11/1878. Membros da Junta: Manuel António dos Santos, Manoel Ferreira, Luiz Machado)

“...neste lugar de Alcanhões ... e casa da escola dos rapazes, onde se reuniram os membros da Junta de Paróquia... ali se apresentou o Excelentíssimo senhor Bernardino de Barros Gomes, na conformidade de um ofício que dirigira à Junta em data de vinte e sete d’Outubro do corrente ano, para dar posse à mesma Junta da casa d’escola acabada de construir e do terreno plantado e ajardinado que lhe fora concedido para essa construção e suas

dependências ... Foram presentes por esta ocasião os documentos pelos quais consta que a referida construção custou em cento sessenta e dois mil e oitocentos e cinquenta e três réis; medindo a sala escolar doze metros de comprimento por oito de largo, e quatro de pé direito, com cem metros quadrados de superfície interna, seis janelas de dois metros e meio por um, porta para o vestíbulo e fresta para o terraço do mesmo; ventiladores por baixo do solho e no tecto; vestíbulo com nove metros quadrados, porta e janela, chão e terraço asfaltado; sendo a espessura dos muros de sessenta e seis centímetros e nos alicerces setenta, com cento e vinte cinco, termo médio, de profundidade, e o material alvenaria e tufo, cal e areia, tudo d’este concelho e da melhor qualidade; a cantaria de Lisboa, a madeira de casquinha e pitch-pine, castanho e carvalho português; telha e tijolo d’este concelho, com ornamentos d’azulejo no vestíbulo, emoldurando três textos sagrados, esfera e cruz de lioz sobre o parapeito do terraço.

E a Junta aceitando reconhecida este donativo, devido a subscrição particular promovida pelo referido excelentíssimo senhor Bernardino de Barros Gomes, deliberou que se lhe passasse recibo d’ele para constar aos subscritores da obra.

Passando-se em seguida a leitura das propostas juntas ao supracitado ofício de vinte e sete de Outubro deste ano do senhor Barros Gomes e da minuta que o acompanhava para requerimento de um subsídio ao Governo de Sua Majestade, destinado À conclusão das obras escolares d’Alcanhões; compreendendo, além da actual casa, outra igual para raparigas, a Junta foi do parecer que se aprovasse ; que se aceitassem e agradecesse a parte que o senhor Barros Gomes se oferecia de tomar no expediente do requerimento, e que no sentido

d’este último se comesse desde já a trabalhar, passando-se à escolha do local para a escola nova. E saindo ao Largo do Arneiro examinando o terreno, foram unânimes em designar para limites d’esse local, ao norte um alinhamento da esquina sueste do estábulo pertencente a José da Costa Leiria para a esquina sudoeste da casa escolar já construída, medindo vinte metros da primeira esquina para o lado da segunda; ao nascente uma perpendicular para o sul À extremidade do alinhamento precedente prolongando até ao barranco que ali limite o largo pelo sul: ao sul o mesmo barranco; e ao poente o valado da Horta de José da Costa Leiria. Ficando d’esta maneira os dois locais separados e independentes e distanciados um do outro sessenta metros.”

(Acta da Junta, de 24/11/1878 – Cópia do Recibo e Agradecimento)

“A Junta da Paróquia da freguesia de Alcanhões profundamente reconhecida declara pelo presente que recebeu, por entrega da chave feita pelo conspícuo, prestante e benemérito cidadão exmo. Sr. Bernardino de Barros Gomes na sessão de vinte e quatro de Novembro de 1878, como consta da respectiva acta, o edifício escolar destinado a rapazes, que o mesmo benemérito senhor delineou, dirigiu e concluiu, e, no mencionado dia 24 de Novembro, entregou à Junta como puro e simples donativo feito à paróquia. Esta Junta não só declara que recebeu a magnífica casa escolar; bem diz igualmente o nome do benemérito fundador pelo louvável e arrojado empreendimento, que, sem o qual, esta povoação estaria por tempo indefinido privado de tão valioso como indispensável benefício. Imensamente agradecida assina o presente, para que assim, o mesmo senhor, o possa fazer constar aos subscritores da obra, a quem, por sua intervenção, tributa do mesmo

modo os mais cordiais agradecimentos. Alcanhões e em sessão de 24 de Novembro de 1878”

(Carta do Eng.º. Bernardino Barros Gomes, às filhas, de 2 de Novembro de 1879)

“Vocês têm aqui – escreve ele às filhas – humildes amiguinhos que esperam, que creem que haveis de ser boas um dia para com eles, e que vos interessareis por estas escolas que em breve estarão ambas concluídas. Eram os votos da avozinha portuguesa. Era a obra querida da vossa mamã. E a obra pela qual o vosso papá começou a sua vida nova de homem que se volta para Nosso Senhor. E o avozinho também de todo o coração a aprovou, ele cuja lembrança é tão querida de todos os nossos melhores amigos”.

(Acta da Junta, de 04/12/1881. Membros da Junta: Manuel António dos Santos, José Thomaz da Silva, António d’Almeida Junior)

“... deliberaram que se activasse a conclusão da casa escolar para meninas até onde o permitissem os actuais meios de que a Junta dispõe sem que se recorresse à imposição do lançamento dos 3 por % que a lei permite, por serem já demasiado pesados os impostos que a povoação paga; ...”

Notas: Algumas datas das cartas à esposa, citadas no livro-biografia como sendo de 1879, não são consistentes com a data de acabamento da obra. Dado que as actas consultadas são originais manuscritos, considera-se o ano de 1878 como correcto, admitindo-se que as datas atribuídas às cartas possam não estar devidamente inscritas. Excepção para a última, dirigida às filhas, depois da morte da mãe em Agosto de 1879.

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

FOTÓGRAFO TAUROMÁQUICO
NASCIDO A 21 DE MAIO DE 1900
EM ALCANHÕES

LUCÍLIO FIGUEIREDO

LUCÍLIO FIGUEIREDO – Fotógrafo tauromáquico, nascido a 21 de maio de 1900 em Alcanhões. Foi carpinteiro de carroças, comerciante de mercearias e depois de bicicletas. Após ser despedido, foi trabalhar para o Centro Fotográfico, Lda., que pertencia ao irmão José e inicia-se na fotografia, atividade que manteve até à data da sua morte, ocorrida em dezembro de 1985. Foi um dos iniciadores com Alfredo Penaguião da fotografia tauromáquica em Portugal. Durante várias dezenas de anos exerceu a sua atividade nas praças de toiros, que iniciou

em 1926 no Campo Pequeno numa corrida em que atuaram José Casimiro (pai), Simão da Veiga Júnior, Ricardo Teixeira e os forcados de Edmundo de Oliveira.

Tem como fotografia mais famosa, a colhida de Domingo Ortega na praça de Vila Franca de Xira, a qual correu o mundo taurino e venceu um concurso norte-americano, na época.

Reuniu um arquivo fotográfico valioso como jamais se conseguirá entre nós. Foi alvo de uma significativa homenagem durante o Festival Taurino realizado nas praça do Campo Pequeno a 15 de setembro de 1966.

É pai do fotógrafo do tema tauromáquico, Alberto Figueiredo.



*In A Praça de Toiros de Lisboa
(Campo Pequeno) – 1992 de
António Manuel Morais e José
Barrinha Cruz, 13.06.2012*

Anuncie neste espaço. Apoie a edição da revista e divulgue a sua empresa. Além da tiragem física, a mesma é distribuída online

Para publicitar contate ecosdealcanhoes@gmail.com

O objetivo dos patrocínios é baixar o preço de venda da revista, cobrindo custos de produção (impressão) e poder aumentar a tiragem.

PUB



DAVID MATOS BRANCO
multimedia creative

PORTEFÓLIO DE FOTOGRAFIA

SERVIÇOS DE FOTOGRAFIA

VENDA DE FOTOGRAFIAS

QUADROS DECORATIVOS

VÍDEO DE EVENTOS

WWW.DAVIDMATOSBRANCO.PT

ANUNCIE AQUI

ecosdealcanhoes@gmail.com

ANUNCIE AQUI

ecosdealcanhoes@gmail.com

ANUNCIE AQUI ecosdealcanhoes@gmail.com



siga.me

fb.com/ecosdealcanhoes

CONCURSO DE BANDAS EVANGÉLICAS



Nos dias 6, 7 e 8 de julho, o Lar Evangélico Nova Esperança (LENE) promoveu um grande evento: boa música evangélica, com prato de caracóis à mesa e o Pôr-do-sol como cenário.

O I Concurso de Bandas Evangélicas - LENE, foi uma iniciativa que visou valorizar e reconhecer talentos musicais a nível local, nacional e internacional.

Durante três dias, o LENE pretendeu difundir o papel da música com inspiração cristã. “Porque a música é uma linguagem universal, acreditamos que este evento irá unir diferentes gerações, promovendo laços intergeracionais. Dos pequenos aos mais graúdos, durante três dias vamos ter em palco gerações unidas pelo amor a um único e mesmo Deus que, através da arte – MÚSICA – com recurso a diferentes estilos, novos talentos serão descobertos, estimulando-se desta forma a criação e a difusão da música cristã evangélica”, avançou antes do festival Sónia Lobato, Presidente da direcção do LENE. A par disso, o Concurso pretendeu integrar as Igrejas cristãs na missão de evangelizar, bem como, apoiar um parceiro social: o - Desafio Jovem – que celebra, este ano, 40 anos de existência.

Em simultâneo, e aproveitando a requalificação realizada no exterior, nestes três dias houve o Festival do Caracol, repetindo-se, assim, a boa experiência obtida no passado.

No final os resultados do Concursos de Bandas colocaram em 1º lugar os UpLight, em 2º lugar Base CCLX e em 3º lugar 4midável.

A banda vencedora deu depois, no dia 14, um concerto acústico nas instalações do LENE, quando recebeu o prémio, que fez reverter para a instituição.

21º ANIVERSÁRIO DO CENTRO DE DIA

O Centro Social Paroquial de Santa Marta assinalou, no passado dia 07 de Julho, o seu 21º aniversário com a celebração da Eucaristia, seguida de um jantar convívio nas instalações da Associação Popular de Alcanhões.

Fundada em Julho de 1997, esta IPSS tem vindo, ao longo destes 21 anos, a prestar um serviço aos idosos da comunidade local e comunidades vizinhas, com as valências de Centro de Dia e de Apoio Domiciliário.

ALCANHÕES
TEM DUAS
IPSS QUE
TRABALHAM
COM OS
SENIORES,
COM
VALÊNCIAS DE
CENTRO DE
DIA E DE LAR.
O CENTRO
SOCIAL
PAROQUIAL DE
SANTA MARTA
E O LENE - LAR
EVANGÉLICO
NOVA
ESPERANÇA

IPSS's
INSTITUIÇÕES PARTICULARES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

FESTA DO VINHO & DAS TRADIÇÕES

ADEGAS DOS PRODUTORES LOCAIS ABREM PORTAS PARA RECEBER CENTENAS DE PARTICIPANTES NA 'ROTA DAS ADEGAS', QUE PROVAM O VINHO 'IN LOCO', ACOMPANHADO DE PETISCOS E DE MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA

A Festa do Vinho deste ano sofreu algumas ligeiras alterações nos seus moldes. A primeira diferença foi no nome, passando a designer-se 'Festa do Vinho & das Tradições de Alcanhões'.

Decorreu a 23 e 24 de março de 2018, este ano também com a temática das tradições, tendo a noite do dia 23 sido preenchida com um jantar tradicional e noite de fados, nas antigas instalações da fábrica dos tubos, agora Casa das Coletividades, que recebeu assim o seu primeiro evento, após ter sido cedida pela Câmara Municipal de Santarém à Junta de Freguesia de Alcanhões [ver página 20].

O sábado foi dedicado à prova dos vinhos a concurso, que se realizou pela manhã na cantina da escola primária, onde o júri, composto por um painel de enólogos, provou e avaliou os brancos e tintos a concurso.

Da parte da tarde, na Sede da Junta de Freguesia, teve lugar a sessão protocolar de abertura das festividades e de recção aos grupos de tocadores de instrumentos tradicionais.

Ricardo Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal de Santarém (CMS), Joaquim Neto, Presidente da Assembleia Municipal de Santarém, Inês Barroso, Jorge Rodrigues, Ri-

cardo Gonçalves Rato, Rui Barreiro, e José Augusto Santos, Vereadores da CMS, entre outras edilidades do Concelho, juntaram-se a Pedro Rui Branco, Presidente da Junta de Freguesia de Alcanhões, e às centenas de participantes para degustarem os vinhos tintos e brancos das nove adegas participantes no concurso deste ano.

Cada participante pode desgostar livremente os vinhos e iguarias nas nove adegas, através da compra do kit, que incluía copo e um saco de pano, para o transportar ao pescoço, bem como uma pulseira que dava acesso ao jantar onde se fez a atribuição dos prémios nas duas categorias, branco e tinto, também este ano realizado já na Casa das Coletividades.

Na edição deste ano, a prova dos vinhos pelos enólogos que fizeram parte do júri, obteve a seguinte classificação:

Vinho Branco

- 1º lugar | Pedro Rocha
- 2º lugar | Marco Durão
- 3º lugar | Manuel Rosa Cândido

Vinho Tinto

- 1º lugar | Pedro Rocha
- 2º lugar | Marco Durão
- 3º lugar | Duarte Durão

O percurso da rota das adegas, este ano com nove adegas aderentes, como já referido, foi animado pelos vários grupos de tocadores de instrumentos tradicionais, como habitual, que na noite de sábado, após o jantar na Casa das Coletividades, atuaram no Encontro promovido pelo Rancho Folclórico de Alcanhões.

Mais uma vez, nesta edição deste certame, que é já uma referência no Concelho e na região, muitas foram as pessoas a deslocarem-se a Alcanhões para participar na Rota das Adegas e provar os vinhos que os produtores locais produzem, valorizando o produto e dando a conhecer o mesmo, o que ajuda os produtores a aumentar vendas, escoar produto e serem mais conhecidos, elevando a "fama" dos vinhos de Alcanhões.

De referir ainda que na manhã do dia 24 de março houve um mercado com a participação das associações da vila, que decorreu no edifício do Mercado Diário.



POR ÚLTIMO

O primeiro número deste resurgimento do 'Ecos de Alcanhões', ao qual foi dado o nome 'zer', já saiu em 2015. A ideia na altura era arrancar, mas por várias razões não houve tempo nem disponibilidade. Surge agora o número 'um', com mais ambição e vontade de fazer desta publicação uma realidade. Vai continuar a estar disponível online, mas não fazia sentido "limitar-se" a isso. Havia que a fazer sair em papel, fazer circular nas casas, nos cafés. Mesmo sem nenhum apoio, decidi suportar este número, com uma tiragem de apenas 30 exemplares, e que, através da sua venda espero cobrir uma parte do custo de impressão.

Gostava muito que o número 'dois', a sair em dezembro, já tivesse uma tiragem maior e um preço unitário menor. É sinal de que a ideia vingou e há interesse em avançar com o projeto. Apelo assim ao apoio de todos os que gostam de ver preservadas e transmitidas as memórias, longínquas e recentes, das gentes de Alcanhões. Obrigado.

David Matos Branco



“

ALÉM DE UMA REVISTA É TAMBÉM
UMA FORMA DE MEMÓRIA, DA HISTÓRIA
DAS GENTES DE ALCANHÕES.
UMA PUBLICAÇÃO PARA GUARDAR.

QUER ASSINAR A REVISTA?

Por ano vamos publicar no mínimo três números da revista, em MARÇO, AGOSTO e DEZEMBRO.

envie email para ecosdealcanhoes@gmail.com ou contate David Matos Branco para subscrever a versão digital ou assina a versão impressa.

Quanto mais assinantes e interessados, maior será a tiragem;

Este é um projeto sem fins lucrativos. Apoie adquirindo a publicação e/ou através de publicidade. Obrigado.